

Mulheres motoristas de ônibus: o que se sabe sobre elas?

RESUMO

Ana Maria de Carvalho
ana.carvalho@ifpr.edu.br
Universidade Tecnológica Federal
do Paraná - Curitiba, Paraná, Brasil.

Lindamir Salete Casagrande
lindasc2002@gmail.com
Universidade Tecnológica Federal
do Paraná - Curitiba, Paraná, Brasil.

O presente artigo apresentará algumas considerações resultantes da dissertação que buscou analisar a dinâmica que perpassa a atuação profissional das mulheres motoristas de ônibus no transporte coletivo de Curitiba e Região Metropolitana (CRM). Considerando a disparidade existente entre a quantidade de motoristas de ônibus do sexo masculino em comparação com a quantidade de motoristas de ônibus do sexo feminino, procurou-se analisar a percepção das motoristas de ônibus frente às condições de acesso e permanência, os tabus, as conquistas e os desafios do exercício profissional. Constatou-se que tanto a inserção quanto a permanência na profissão, são marcadas por contradições. E apesar das desigualdades declaradas nas relações de poder dos motoristas do sexo masculino perante as mulheres motoristas, estas enfatizam igualdade de capacidade na condução dos veículos; diferenciais de conduta perante os/as usuários/as do serviço e bom desempenho no exercício profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Relações de Gênero. Divisão Sexual do Trabalho. Condução de ônibus.

INTRODUÇÃO

Apropriarmo-nos de questões acerca da divisão sexual do trabalho proveniente das assimetrias de gênero nas relações de trabalho entre homens e mulheres, levando em consideração o trabalho desenvolvido por mulheres na profissão de motoristas de ônibus em transporte coletivo público, profissão ocupada majoritariamente por homens, vez que de acordo com dados obtidos em 2015ⁱ constatamos que havia 83 mulheres exercendo a função de condutora de ônibus para um universo de 4.059 condutores do sexo masculino atuantes no transporte coletivo urbano de Curitiba e Região Metropolitana.

A desproporcionalidade entre homens e mulheres motoristas de ônibus, pode ocorrer em virtude das determinações de gênero, destarte nos suscitou o interesse em conhecer o posicionamento/postura da mulher condutora de ônibus, frente às possíveis situações de discriminação por gênero/sexo, no desempenho da função.

No entanto tal qual para Heleieth Saffioti (2011) ponderamos não se tratar de que uns/umas sejam melhores que outros/as, e sim haver existência de disputa de poder exercida pelo patriarcado que transforma o equilíbrio de relações de igualdade, para o controle e dominação. Essa abordagem não tratou da prevalência de uns/umas sobre os/as outras outros/as e sim analisou a existência de disputa pelo poder e dominação.

METODOLOGIA

A aproximação e análise da percepção das mulheres que exercem a função de motoristas de ônibus no transporte coletivo urbano de CRMⁱⁱ se constituíram por análises fundamentadas nas conceituações discutidas no referencial teórico e subsidiadas pela análise de conteúdo dos relatos, percepções e opiniões das mulheres entrevistadasⁱⁱⁱ.

Nessa pesquisa foram entrevistadas 20 mulheres motoristas de ônibus do transporte coletivo urbano no município de CRM, sendo que a escolha das entrevistadas ocorreu de forma aleatória.

Verificamos que a idade média das entrevistadas é de 39,2 anos, sendo que a motorista mais nova tinha 26 anos de idade e a motorista mais velha tinha 50 anos de idade. No que se refere autodeclaração de cor/raça pelas motoristas, 80% se autodeclararam de cor branca e 20% se autodeclararam de cor parda.

Constatamos que no universo das entrevistadas, 60% declaram ter como dependentes no núcleo familiar: filhos/as e/ou netos/as.

No que se refere ao tempo de atuação como motoristas no transporte coletivo urbano de CRM, constatamos que 15% exercem a profissão há 10 anos, 10% tem entre 5,5 a 6 anos de profissão e 75% delas declararam possuir de 06 meses a 5 anos de exercício profissional.

O fato de que 75% das mulheres possuam de 06 meses a 5 anos de atuação profissional, demonstra que a abertura às mulheres na profissão de motoristas de ônibus no transporte coletivo urbano de CRM é recente.

DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

Conhecer a realidade das mulheres que exercem a função de motoristas de ônibus no transporte coletivo de Curitiba e Região Metropolitana, profissão marcadamente ocupada pelos homens em virtude das determinações de gênero, subsidiou a análise das relações de trabalho e de gênero entre homens e mulheres.

Destarte analisar as condições de acesso e permanência, eventuais tabus, conquistas e desafios na operacionalização do trabalho pelas mulheres motoristas de ônibus no transporte coletivo urbano em Curitiba e Região Metropolitana, foram o pano de fundo para a discussão das relações de gênero e divisão sexual do trabalho que envolve essas mulheres.

Como base conceitual para o debate sobre relações de gênero, adotamos a perspectiva de Joan Scott (1995) que traz em sua caracterização a análise relacional e social fundamental nas abordagens acerca das relações de poder na sociedade. Para a autora “[...] o Gênero é uma forma primária de significar às relações de poder” e também “[...] é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos [...]” (SCOTT, 1995, p. 89).

Acerca das desigualdades existentes nas relações sociais entre homens e mulheres, para a autora Cristina Bruschini (2000) tais desigualdades foram historicamente construídas pela cultura patriarcal de dominação e subordinação acerca do trabalho na esfera doméstica e familiar.

De acordo com Helena Hirata (2007) a participação das mulheres no mercado de trabalho, faz com que estas passem a cumprir jornada dupla de trabalho, ou seja, acabam por desenvolver o trabalho produtivo e o trabalho reprodutivo e não se dão conta das possibilidades de novas negociações para minimizar o fardo que carregam pela dupla jornada.

As relações de trabalho entre homens e mulheres, conforme Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007) são definidas pela divisão sexual do trabalho em dois princípios: separação o qual distingue modalidades de trabalho para os homens e modalidades de trabalho para as mulheres e hierarquia que valoriza mais o trabalho do homem, que o trabalho da mulher^{iv}.

Para Hirata (2002) na lógica hierárquica o trabalho masculino é mais valorizado e melhor remunerado do que o trabalho da mulher e na perspectiva da separação, a sociedade estabelece carreiras masculinas e outras femininas. Destarte, percebe-se que a profissão de motorista de ônibus é demarcada como um espaço privilegiado para os homens e as mulheres que adentram neste universo podem enfrentar dificuldades para além do conhecimento técnico, podendo sofrer preconceitos com base no gênero.

Compartilhamos do pensamento de Betina Stefanello Lima (2013) sobre a existência do labirinto de cristal, que representa as dificuldades e obstáculos enfrentados pelas mulheres no exercício profissional, uma vez que se assemelham com paredes transparentes que passam despercebidos pela maioria das pessoas, mas que são fortemente sentidos pelas mulheres, de modo especial quando adentram em profissões predominantemente masculinas.

Partindo da análise acerca da percepção das mulheres motoristas de ônibus sobre as condições de acesso e permanência, tabus, desafios e conquistas do exercício profissional no transporte coletivo urbano de CRM, destacaremos algumas considerações:

A busca pela habilitação e escolha da profissão:

No que se refere às eventuais influências masculinas para a busca pela habilitação nas categorias D e E, critério que condiciona à condução de ônibus em transporte coletivo, verificamos que 11 mulheres optaram por vontade própria, 4 mulheres foram influenciadas por familiares, 2 mulheres foram influenciadas pelos colegas motoristas do sexo masculino e 3 mulheres foram influenciadas por motoristas do sexo feminino.

Acerca das motivações para a escolha profissional, 13 mulheres optaram por vontade própria e ascensão profissional, 4 mulheres foram motivadas por familiares, 2 mulheres receberam motivação de colegas motoristas do sexo masculino e 1 foi motivada por motoristas do sexo feminino.

Constatamos que em ambos os quesitos 70% das entrevistadas optaram pela habilitação na categoria D ou E, e escolha da profissão, por motivações pessoais e não por terceiros/as.

Apreensões sobre ser mulher, ser motorista de ônibus:

Mulheres trabalhando como motoristas de ônibus, profissão marcada pela visão dicotômica e estereotipada de gênero, se enquadram em grupo de carreiras que na visão de Kergoat (2002, p. 52), trata-se de “[...] universo construído historicamente por e para os homens”, estando as mulheres por muito tempo, afastadas desta ocupação. Suscitou-nos o questionamento, ser mulher, ser motorista de ônibus?

No que se refere a influências à habilitarem-se para dirigir veículos de grande porte e escolher a profissão de motorista de ônibus, constatamos que homens motoristas não foram as maiores fontes de inspiração, bem como que a escolha profissional se deu por motivações pessoais ou ascensão profissional.

Acerca das influências para escolha da profissão, Girassol e Rosa^v em seus depoimentos trazem a importância de ter modelos femininos aos quais se inspirarem para a busca pela inserção nesse mercado de trabalho. Esta percepção converge para o argumento de Lea Velho e Elena León (1998) acerca da importância dos modelos de mulheres que estão na atividade para a percepção de que esta é uma carreira possível para as mulheres.

“Sim... na época a Eliane^{vi} que era... era... encarregada do trafego... minha vizinha” (Girassol)

“É que eu sempre tive paixão assim por... por estrada... por... por veículo grande... assim veículo forte... grande... E aí eu vi uma amiga minha: Raquel, que hoje ainda ela é motorista e eu me espelhei nela e falei taí uma profissão que... que eu quero exercer e vou lutar pra mim conseguir... E hoje sou uma motorista categoria E... posso dirigir os veículos maiores também né... E tamo aí feliz da vida” (Rosa)

Também os depoimentos das motoristas Antúrio e Violeta acerca da escolha profissional corroboram a desconstrução de estereótipos dicotomizados de gênero e convergem para Maria Rosa Lombardi (2006): mulheres atuando em áreas tradicionalmente masculinas contribuem para a desconstrução da imagem que os homens faziam das mulheres no campo acadêmico e posteriormente no mercado de trabalho.

“Sim... pelos colegas de trabalho, eu comecei como cobradora de ônibus”. (Antúrio)

“Ah é que o meu pai antigamente né... antes dele falecer ele dirigia né? Daí eu adorava assim vê ele dirigindo ... adorava... daí (pensou) não... um dia eu vou ser motorista” (Violeta)

Os depoimentos evidenciam que os exemplos se manifestam de forma sutil, porém são tomados como incentivadores para a escolha de profissão de motoristas por estas mulheres.

Atuação profissional na perspectiva das motoristas:

Na percepção da motorista Gardênia acerca da desproporcionalidade entre mulheres e homens contratado/as para atuar como motorista de ônibus constata-se o sentimento de plenas condições para o exercício profissional, evidenciando-se o sentimento de segurança, capacidade e aceitação pela população usuária.

A capacidade e coragem impressa na percepção das motoristas entrevistadas contribuem para o crescimento da inserção feminina na carreira. De acordo com a reflexão trazida por Marília Gomes de Carvalho e Lindamir Salete Casagrande (2011) apesar de toda a dificuldade sentida pelas mulheres ao adentrar em carreiras marcadas pela presença masculina, ultrapassar os limites impostos pela sociedade patriarcal e androcêntrica contribui para a conquista de mais espaços, bem como abre caminho para que outras também se insiram na carreira.

*“Na época... quando eu entrei trabalhar como motoristas lá atrás eu me sentia assim... é... **uma maçã numa caixa de limão né? Hoje... hoje tá diferente... hoje em qualquer lugar que você for tem a mulher... no taxi né? Nos ônibus, nas carretas... em tudo tem mulher... você vai pegar um voo ali quando você vai ver... a piloto... a piloto do avião é uma mulher.... entendeu?” (Gardênia, grifos nossos)***

A receptividade por parte dos/as usuários/as do transporte é destacada por todas as entrevistadas. Acerca da inserção das mulheres nesse campo de trabalho, para a motorista Flor de Lis ocorrerá de forma gradativa, o que converge para o relato de Tulipa, no entanto, Tulipa não descarta as tensões durante esse processo para se alcançar igualdade entre motoristas masculinos e femininos.

*“Eu acho que é uma questão de tempo... logo vai ter muitas mulheres no transporte coletivo... tem aumentado muito... por que é mais homens? é por que as mulheres estão se manifestando aos poucos mas elas estão adorando elas estão aderindo a essa profissão... então é uma questão de tempo você só vai ver mulher dirigindo... tá aumentando muito rápido as pessoas tão gostando... **e os próprios usuários passageiros gostam.. se sentem bem né?” (Flor de Lis, grifos nossos)***

A respeito da desproporcionalidade entre as mulheres e homens motoristas de ônibus, verificamos opiniões antagônicas entre algumas entrevistadas, Begônia atribui falta de encorajamento das mulheres, porém avalia existir igualdade de capacidade para ambos os sexos e vê com otimismo a diminuição da desproporcionalidade, o que converge com a opinião de Jasmim ao considerar que as mulheres também têm a mesma capacidade que os homens para dirigir ônibus.

Ainda acerca da assimetria existente entre os/as motoristas contratados/as, Amarílis em seu depoimento, atribui aos/as trabalhadores/as dos setores de Recursos Humanos (RH) e encarregados/as pelo processo de seleção dos/as

motoristas para admissão nas empresas de transporte, que na maioria são trabalhadoras do sexo feminino, a responsabilidade pela criação de empecilhos e desproporcionalidade entre homens e mulheres contratados/as para exercer o cargo de motorista de ônibus.

*“Talvez preconceito... não digo a empresa em si talvez quem esteja lá pra contratar... eu vou falar bem sincera pra você... eu acho assim... **tem a psicóloga né? que geralmente é mulher.... tem o RH que as vezes é mulher... e tem mulher que não quer ver uma mulher num ônibus...** eu acredito que preconceito não só por parte dos homens, mas também por parte das.... do quadro feminino que toca uma empresa” (Amarilis, grifos nossos)*

A postura dos/as agentes de seleção e do RH das empresas relatadas pelas entrevistadas, ao discriminar as candidatas pela condição de mulher, convergem com as proposições de Lima (2013) sobre um dos obstáculos do labirinto de cristal, neste caso o sexismo, cuja constituição se dá de acordo com as construções culturais que definem papéis e posições de acordo com cada sexo.

Estereótipos de gênero: Papéis Femininos, Papéis Masculinos:

Definirmos padrões entre papéis masculinos e femininos seria desprezar as múltiplas formas que se dão as masculinidades e as feminilidades e promoveria a hierarquização entre os gêneros pelas formas com que as redes de poder atuam, o que na concepção de Guacira Lopes Louro (1997), resultaria em análise redutora e simplista.

Acerca do processo de contratação e ocorrência de empecilhos baseados no sexo ou gênero para o acesso e permanência no trabalho das motoristas de ônibus, na percepção da motorista Girassol, o processo de seleção não trouxe dificuldades, por ser igual ao aplicado aos candidatos homens.

No entanto, para a motorista Cravo houve discriminação no processo de seleção por ser mulher, a qual atribuiu ao fator sorte sua contratação como motorista.

*“A gente foi lá a gente fez entrevista com... tinha trinta homens e duas mulheres né... e você tá ali... trabalhando assim... tentar... é tipo assim eu acho uma discriminação né por que é duro... como que eu posso te dizer?... **eles não vê a mulher como uma profissional como... eu acho que... foi muita sorte eles terem... por que tinha muito homem e pouca mulher... né?... eu não sei como te explicar.” (Cravo, grifos nossos)***

A resistência dos/as contratantes na admissão pelo fato de serem mulheres é retratada nos depoimentos de Tulipa e Antúrio, o que converge com o argumento de Marília Gomes de Carvalho (2015) de que a separação entre homens e mulheres, bem como o estabelecimento de atributos predeterminados para cada um/a, são frutos de uma construção histórica que se perpetua de modo inflexível e quando estes/as fogem as regras, podem ser vítimas de preconceito e discriminação em ambientes conservadores.

“Na verdade foi bem complicado assim por que eles não queriam pegar devido a idade né? e por ser mulher assim eles ficaram muito com receio no começo assim por que eu era mais nova assim... eles pegavam só a partir dos trinta... trinta e cinco mais ou menos e eu na época tinha vinte e três então pra mim foi bem difícil pra mim entrar... daí a gente sempre conversa de um lado conversa do outro né? e graças a Deus que eu consegui entrar... e eu demorei quase dois anos pra conseguir entrar... eu entrei como

cobradora e participei daquele processo do tempo da escolinha^{viii} tudo... daí a gente faz um teste pra ver se ta apto pra passar ou não..." (Tulipa, grifos nossos)

*"Fiquei vinte dias na escolinha... até que o professor falou que... ele era um pau mandando e **que acima dele não queria nenhuma mulher no volante..** pediu desculpa pra mim e disse que estava me dispensando... daí... a turma da N. S. L. que me conhecia acharam errado por que né? Nós um grupo do Santo A. fomos para o N. S. L. e teve um motorista que chegou e falou pra mim assim... todo mundo diz que você dirige bem mas o professor dispensou você." (Antúrio, grifos nossos)*

Ainda acerca da percepção dos empecilhos baseados no sexo ou gênero para acesso e permanência na profissão, nos depoimentos de Cravo e Amarílis, denota-se que posturas discriminatórias das empresas contratantes são recebidas com naturalidade pelas interlocutoras, ao defenderem que os/as contratantes deveriam perguntar se a candidata pode ter filhos? Desta forma a entrevistada está concordando que as mulheres que podem e querem ter filhos, não devem ser contratadas como motorista, ou seja, a maternidade na concepção de Cravo pode ser utilizada como critério para a não contratação de mulheres.

*"Eu acho que eles pensam muito por que... **vai engravidar vai ficar fora... eu acho que deveria ter uma pergunta lá.. você pode ter filho?** Você não pode ter filho? Por que acontece não vou dizer que não acontece né? Muitas mulheres estão trabalhando e engravidam é normal né? É normal. tanto em qualquer profissão.. mas eles pensam muito nisso.. eu acho né? Não sei.. na minha opinião... eu falo assim como eu sou operada.. devia ter lá quando você vai fazer o questionário devia ter... operada? Pode ter filhou não? Por que isso eu acho que já ajudaria por que eles ficam... eu acho que eles têm medo né?" (Cravo, grifos nossos)*

*"Eu acho que sim... assim... eu acho que... **por medo talvez da mulher engravidar... medo de... trazer problemas pra empresa** por que... mulher as vezes eles dizem que é sexo frágil o que não acaba sendo.. as vezes é o homem mesmo que vai lá e... enfia atestado na empresa... mas acho que hoje em dia as empresas de ônibus eles pensam muito nisso... mulher vai engravidar...é... vai ficar afastada... vai ficar enjoada durante a gravidez... e vai ter que ir pra outro lugar e não pode mandar embora" (Amarílis, grifos nossos).*

Discriminação baseada no gênero e preconceito:

Houve relatos que apontam em algumas situações, relações de trabalho baseadas na subordinação aos homens e nos estereótipos de gênero, o depoimento de Antúrio converge para Kergoat (2002) que assevera que as relações sociais entre homens e mulheres nos diversos campos, são permeadas por tensões que fundam novos modos de viver em sociedade, destarte tais confrontos são permanentes entre os homens e mulheres.

*"Noventa por cento hoje é sossegado... **mas ainda tem dez por cento ainda que não aceita nós mulheres... próprios colegas de trabalho**" (Antúrio, grifos nossos)*

Houve mulheres motoristas que relataram preferir ficar indiferentes às intimidações para evitar conflitos, desenvolvendo estratégias para se proteger e permanecer na profissão.

*"Olha na verdade isso daí... é... esse desrespeito que a gente vê é no trânsito mesmo ou você vê uma conversinha ou outra... uma tiraçozinha de sarro assim sabe? **mais a gente***

procura levar na maior tranquilidade né? por que se a gente for levar tudo na ponta do lápis a gente sabe que.... dá confusão né?” (Tulipa, grifos nossos)

*“Não assim sempre... é tipo assim... fora as piadinhas né? Eu sempre fui bem respeitada. Vários colegas me conhecem como motorista sabem que eu sou profissional **mais é duro você lidar com os motoristas você tem que entrar na deles você não pode baixar a cabeça por que eles tiram sarro... por que ah que você não consegue... tipo assim cê vai limpar fogão... tipo sempre tem as piadinha dos homens né? E não é fácil... cê tem que se firme ali... tem que fingir que você não escuta né?” (Cravo, grifos nossos)***

*“Alguns vai bem outros não... **as vezes eles meio que... querem intimidar sabe? Por ser mulheres eles acham assim que... a gente vai... eles vão intimidar e você vai ter medo... isso acaba criando um atrito.... então alguns eu me dou super bem outros é indiferente pra mim” (Amarílis, grifos nossos)***

*“Olha eu na verdade já me importei bastante em relação a isso **já sofri bastante** até hoje ainda pra mim é meio complicado por que nem todos os colegas de trabalho respeitam né? Mais é isso daí.” (Tulipa, grifos nossos)*

Constatamos nos depoimentos das motoristas, situações em que a capacidade profissional é subestimada pelas ‘brincadeiras’ e tabus. A motorista Palma relata que esse tipo de comportamento de alguns/mas usuários/as incomoda, chateia, magoa e constituem-se em uma dificuldade a mais no dia a dia das motoristas.

*“e tem homem que entra e **fala ah mulher no volante perigo constante... sabe? Aquelas brincadeiras sem graça... tipo as vezes eu relevo... finjo que não escuto... mas quando eu estou meio atacadinha assim eu já dou um troquinho né? (risos) não sou grossa com ninguém mas... haja paciência né?” (Palma, grifos nossos)***

Os depoimentos apresentados nesta seção evidenciam que as mulheres precisam empregar uma força extra para manutenção neste ambiente profissional. Percebe-se que elas, de certa forma, naturalizaram os preconceitos que sofrem e as dificuldades que lhes são impostas por serem mulheres. Esta naturalização pode ser uma estratégia de sobrevivência, o que Lima (2013) denominou de drible da dor.

Referidos depoimentos convergem para o proposto por Carvalho (2015) em que algumas manifestações acerca das desigualdades de gênero são carregadas de opressão e violência em virtude da desvalorização da mulher e do machismo.

Foram retratados por elas, práticas de preconceito por parte de usuários/as, os quais são frutos das construções sociais que historicamente, são alicerçadas nos modelos masculinos, vez que a presença de mulheres na condução dos veículos causa desconforto, insegurança, repulsa e rejeição, e, estas são manifestadas de forma grosseira causando sofrimento nas profissionais.

*“[...] **já aconteceu de passageiro não subir no ônibus... por eu ser mulher e tá no volante... e não foi no turismo foi no S. F. num ônibus de linha” (Antúrio, grifos nossos)***

*“Já tive dificuldade... as vezes aparece alguém que não quer entrar no ônibus... que entra fazendo comentários... comentário bobo sobre ai é uma mulher.... **ai eu vou descer é uma mulher” (Girassol, grifos nossos)***

*“É difícil... muito difícil... tem alguns educado tem outros que não é educado.... é... **fala coisa ruim mesmo” (Margarida, grifos nossos)***

Estes depoimentos evidenciam que o machismo ainda se faz presente no que se refere a habilidade feminina em conduzir um ônibus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos as percepções das mulheres motoristas de ônibus, em profissão majoritariamente masculina, evidencia-se que em virtude da produção dos estereótipos dicotomizados de gênero, persistem práticas no cotidiano do trabalho, que mesmo de forma velada, subestimam sua capacidade profissional e sugerem que a direção de um ônibus, não lhes seja adequada e que lhe caia melhor a operação de um fogão ou máquina de lavar.

A tímida inserção das mulheres nesta profissão pode ser explicada pelas barreiras invisíveis impostas para a admissão e permanência, as quais passam por várias situações e às vezes não percebem estar sendo alvo de exclusão ou preconceito.

Referente às influências para a conquista da Categoria D ou E na carteira de habilitação, bem como a motivação para a escolha profissional no universo de 20 mulheres participantes, constatamos que 70% ou seja, 14 entrevistadas, romperam a reprodução dos padrões estereotipados de gênero, visto que em seus relatos, as influências e motivações ocorreram por vontade própria ou por se espelharem em outras mulheres.

Segundo informações colhidas junto ao sindicato patronal, não há objeção por parte das empresas para admissão de mulheres motoristas. No entanto, nos depoimentos das entrevistadas acerca da percepção sobre os critérios postos para contratação, houve ocorrências que podem ter dificultado a contratação por práticas discriminatórias que se perpetuam em ambientes conservadores.

Destacamos relatos em que as entrevistadas atribuem às pessoas encarregadas pelo processo de seleção, majoritariamente formada por mulheres, a responsabilização pelos obstáculos geradores da desproporcionalidade entre homens e mulheres contratados/as para o exercício da profissão de motorista de ônibus, ficando explícita a reprodução do sexismo ao se atribuir papéis e posições de acordo com cada sexo. Este comportamento evidencia que as pessoas responsáveis pela contratação, além do sexismo, manifestam em seu comportamento a misoginia.

Observamos alguns posicionamentos de entrevistadas que endossam as práticas discriminatórias das empresas contratantes ao aceitar com naturalidade ou até mesmo reproduzir a perspectiva do empregador no que se refere a probabilidade da mulher engravidar e ter que se ausentar do trabalho por motivos de saúde ou licença maternidade, causando prejuízo na rotina de trabalho.

Também se verifica antagonismo entre as entrevistadas, vez que há um grupo de mulheres com posicionamentos contrários à disparidade existente, que afirmam capacidade e as mesmas condições para o exercício da profissão como qualquer motorista masculino.

Por outro lado, também verificamos posicionamentos de mulheres que, por não perceberem ou até mesmo negarem os obstáculos de desigualdade entre gênero imposto no exercício e inserção desta profissão, se utilizam do discurso da culpabilização e falta de coragem de seus pares atribuindo às outras mulheres, o medo e a culpa, pela desproporcionalidade existente entre os motoristas homens e as motoristas mulheres.

Com base nos depoimentos das entrevistadas é possível verificar que as mulheres veem com otimismo a diminuição da desproporcionalidade entre os motoristas do sexo masculino com as motoristas do sexo feminino, em virtude da maior inserção das mulheres nesta profissão.

A ênfase nas conquistas é referenciada pela ascensão profissional das mulheres que vieram de outras áreas, bem como das que já trabalhavam nas empresas de transporte como cobradoras ou atendentes e foram promovidas para o cargo de motoristas no ônibus.

Consideramos pertinente indicar que os posicionamentos de todas as entrevistadas foram contemplados na análise de conteúdo, o que vem demonstrar a multiplicidade de olhares e a prevalência das desigualdades nas relações sociais de gênero no que concerne o cotidiano profissional e pessoal das mulheres motoristas de ônibus participantes.

Enfatizamos que a realização da pesquisa objetivou analisar a percepção das motoristas de ônibus frente às condições de acesso e permanência, os tabus, as conquistas e os desafios do exercício profissional no Transporte Coletivo Urbano de Curitiba e Região Metropolitana.

A tônica desta pesquisa pautou-se na igualdade de direitos, portanto não se buscou argumentar que uns/umas sejam melhores que outros/as e sim analisou a ocorrência de disputas de poder que culminam na desigualdade das relações sociais entre homens e mulheres.

A abstração decorrente das falas das entrevistadas possibilitou perceber que posicionamento das mulheres motoristas de ônibus, no que se refere a inserção e permanência neste campo de trabalho, ainda que num contexto de precarização e permeada por inúmeros desafios, evidencia que o grau de satisfação e realização profissional se fez presente na grande parte dos relatos das motoristas, com destaque de que a efetivação na profissão lhes concedeu as condições básicas para suprir as necessidades fundamentais para sobrevivência de si e de sua prole e construção de suas próprias histórias.

Bus driver women: what do you know about them?

ABSTRACT

This article will present some considerations resulting from the dissertation that sought to analyze the dynamics that permeate the professional performance of women bus drivers in the public transportation of Curitiba and Metropolitan Region (CRM). Considering the disparity between the number of male bus drivers compared to the number of female bus drivers, we sought to analyze the perception of bus drivers regarding the conditions of access and permanence, the taboos, the achievements, and the challenges of professional practice. It was found that both insertion and permanence in the profession are marked by contradictions. And despite the stated inequalities in the power relations of male drivers vis-à-vis female drivers, they emphasize equal ability to drive vehicles; conduct differentials with service users and good performance in professional practice.

KEYWORDS: Gender Relationships. Sexual Division of Labor. Bus drivers.

ⁱ Sindicato das Empresas de Ônibus de Curitiba e Região Metropolitana (SETRANSP)

ⁱⁱ Curitiba e Região Metropolitana.

ⁱⁱⁱ Dissertação aprovada junto ao PPGTE/UTFPR em 11/12//2017 sob o título “MULHERES CONDUTORAS DE ÔNIBUS: tabus, conquistas e desafios”.

^{iv} Para Hirata e Kergoat os princípios: ‘separação’ e ‘hierárquico’ legitimam a ideologia naturalista ao rebaixar o gênero ao sexo biológico

^v as mulheres entrevistadas serão denominadas com o pseudônimo de flores para a garantia de confidencialidade e sigilo.

^{vi} Todos os nomes utilizados são fictícios.

^{vii} A passagem pela escolinha, é a oportunidade, ao funcionário/a que manifestar interesse, de participar do curso para treinamento e teste para promoção ao cargo de motorista de ônibus, desde que já possua a Carteira Nacional de Habilitação (CNH) com classificação D ou E. (*sic*)

REFERÊNCIAS

BRUSCHINI, Cristina. **Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação?** (Brasil, 1985/95). In: M. I. B. da Rocha (Org.). Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios. Campinas: ABEP: NEPO: UNICAMP, Ed. 34, 2000, p. 13-58.

BRUSCHINI, Cristina & LOMBARDI, Maria Rosa. **Instruídas e trabalhadeiras: trabalho feminino no final do século XX.** Cadernos Pagu, Campinas, n. 17/18, 2002, p. 157-196.

CARVALHO, Marília Gomes de. (A dicotomia masculino x feminino na construção do gênero e suas implicações sociais) In: **Educação & diversidade: a questão de gênero e suas múltiplas expressões.** Nadia Terezinha Covolan; Daniel Canavese de Oliveira (Orgs). Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2015.

CARVALHO, Marília Gomes de; SILVA, Nanci S. **A Tecnologia e a divisão sexual do trabalho.** In: Coletânea “Educação e Tecnologia”. Curitiba: Editora CEFET-PR, 2003.

CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete. Mulheres e Ciência: Desafios e Conquistas. R. Inter. Interdisc. **INTERthesis**, Florianópolis, v.8, n.2, p. 20-35, Jul./Dez. 2011.

CASAGRANDE, Lindamir Salete. **Silenciadas e Invisíveis: Relações de gênero no cotidiano das aulas de matemática.** 1. ed. Curitiba: CRV, 2017.

HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

HIRATA, Helena; DEBERT, Guita Grin. Dossiê de Gênero e Cuidado. In: **Cadernos Pagu**, (46), janeiro-abril de 2016:7-15. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n46/1809-4449-cpa-46-0007.pdf>> . Acesso em 10

junho 2017.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007. Tradução de Fátima Murad. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>>. Acesso em 09 set. 2015.

KERGOAT, Danièle. A Relação Social de Sexo da Reprodução das Relações Sociais à sua Subversão. **Pro-Posições**. V. 13, N. 1 (37), Jan/abr. 2002. Tradução de Alain François. Disponível em <[37-dossie-kergoatd%20-%20Relação%20social%20de%20sexo.pdf](#)>. Acesso em 20 junho de 2017.

LIMA, Betina Stefanello. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na física. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 883-903, set./dez. 2013.

LOMBARDI, Maria Rosa. Engenheiras Brasileiras: Inserção e Limites de Gênero no Campo Profissional. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 127, p. 173-202, jan./abr. 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência. 2ª reimpressão**. São Paulo: Perseu Abramo, 2011.

SCOTT, Joan. O gênero como uma categoria útil de análise histórica. In Educação e Realidade: **Gênero e Educação**. Porto Alegre, V. 20, n. 2: p. 71-99, jul/dez 1995.

SETRANSP. Disponível em <<http://empresasdeonibus.com.br/>> Acesso em 21 de agosto de 2015.

VELHO, Lea; LEÓN, Elena. A construção social da produção científica por mulheres. **Cadernos Pagu**, Campinas, 10, p. 309-344, 1998.

VELLOZO, Danielle Pires Marques. Mulheres ao volante: uma análise de gênero, saúde e trabalho em mulheres motoristas de ônibus na cidade do Rio de Janeiro. 2010. 100 f. **Dissertação** (Mestrado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2010.

Recebido: 13 dez 2018.

Aprovado: 28 mai 2019.

DOI: [10.3895/rts.v16n39.9198](https://doi.org/10.3895/rts.v16n39.9198)

Como citar: CARVALHO, A. M. ; CASAGRANDE, L.S. Mulheres motoristas de ônibus: o que se sabe sobre elas? **R. Tecnol. Soc.**, Curitiba, v. 16, n. 39, p. 298-311, jan/mar. 2020.

Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/9198>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

